

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre	500 réis
Com estampilha	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso	20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados	50 » »
Repetições	25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes	

SOBRE A LIBERDADE DO COMMERCIO

Quando uma industria dispõe de todos os meios de progresso, de capitaes, saber theorico e pratico, materias primas baratas, de instrumentos os mais aperfeiçoados para essa industria, a liberdade do commercio, provocando um maior esforço dos productores, pôde ser a causa do augmento da produção e da barateza dos productos. A necessidade de concorrer obriga-os a uma transformação, para a qual estão habilitados.

Aquelle principio, aliás verdadeiro na sua generalidade, não é applicavel a todas as circumstancias: os agricultores portuguezes sem capitaes, sem credito favoravel, sem adubos, sem methodos nem instrumentos aperfeiçoados, que não conhecem a composição do sólo, cujas camadas aráveis são geralmente pouco fundas, esgotadas por culturas successivas, sem as industrias que lhes são proprias, e que associadas á agricultura propriamente dita, dão valor a muitos productos que sem ella não seriam remuneradores, sem agua, sem o tempo necessario para as esperiencias, e sem o estudo dos terrenos, arruinam-se com a liberdade do commercio.

Em todo o problema as soluções devem ser sempre as mesmas em paridade de circumstancias: mas quando estas são diferentes, quando falta algumas d'ellas, a lei e o principio theorico modifica-se necessariamente.

Entre nós attribue-se ao principio da liberdade do commercio as vantagens que resultam das condições especiaes em que foi applicado em outros paizes.

Notando a severidade das affirmativas dos que reclamam o livre commercio dos cereaes, parece quasi um crime o duvidar de convicções tão generosas e lisongieras. O exemplo da Inglaterra leya-os a crel-as irrefutaveis e confirmadas pela experiencia.

A historia bem analysada da reforma de Peel vem depôr contra elles.

Advirta-se primeiro que tudo, que a reforma das leis prohibitivas foi lá gradual e progressiva e não abrupta, como entre nós, e que antes d'ella se adoptaram algumas medidas em beneficio da agricultura.

A reforma financeira precedeu a reforma commercial, e foi chamada — o meio do fim.

Depois foi prohibida a importação em quanto o trigo não attingisse o preço de 34 a 40 francos o hectolitro, preço considerado remunerador para o agricultor inglez.

Os homens mais consideraveis do partido da reforma votaram essa lei prohibitiva.

Os homens d'estado d'Inglaterra nem pertencem ao systema protector, nem ao da livre troca. Consultam a opinião e estudam as circumstancias.

De mais é preciso ter-se em vista que a situação particular d'Inglaterra exigia o sacrificio da agricultura a bem da industria manufactora, o que para nós não é o que convem, e não pôde ser o fim a que se aspira: portanto o

exemplo da Inglaterra é mal invocado.

E apesar de ter sido aquelle sacrificio uma necessidade imperiosa da industria ingleza, sentida e reclamada desde 1820, a reforma só foi completa e definitiva em 1846.

Os fabricantes desde 1793 tinham monopolisado os mercados transatlanticos e de uma parte da Europa; em 1814 achavam-se em face de industrias rivais que lhes disputavam esses mercados.

Cada nação protegia as industrias nascentes com medidas prohibitivas. Esta concorrência e obstaculos entorpeceram os trabalhos fabris.

A miseria era horrivel em uma população onde dous terços são de fabricantes e operarios. A agitação crescia; para pôr termo á crise industrial era evidente o remedio.

Força era collocar um manufactor em circumstancias iguaes ou melhores que as do continente, abrir os mercados da Europa e produzir mais e mais barato.

A Inglaterra estava forçada a este dilemma—ou modificar o seu systema de pautas ou morrer na isolação pela concorrência.

Tal foi o ponto de partida da reforma.

Para abrir os portos estrangeiros, modificar as pautas e vencer a concorrência era preciso que podesse reduzir o preço da mão d'obra

Como?

Abaixando o preços das subsistencias.

Para isto começou por conceder a entrada dos cereaes até ao ponto em que não prejudicasse um dado preço, ainda vantajoso á agricultura nacional, e por fim a completa liberdade do commercio dos productos agricolas.

Não era para satisfazer ao principio de livre troca, que assim procedia, era para obter indirectamente por ella o monopolio das vendas, e não a sua reciprocidade, era bem ao fim opposto que se dirigia o calculo dos estadistas ingleses.

Admittindo a entrada dos cereaes estrangeiros tornava-os menos abundantes nos paizes com quem ia concorrer, augmentava-lhes o preço, encarecia assim a mão d'obra, em quanto obtinha para si os resultados contrarios, punha as industrias estrangeiras em uma situação muito desigual que as impedia de concorrer com ella.

Era para só ella vender que lhe servia a liberdade do commercio.

Como a classe manufactora em Inglaterra é a mais numerosa e se acha em uma enorme desproporção com a classe agricola, estando baseada toda a vida economica no commercio externo que faz viver uma população d'operarios, outro não podia ser o fim d'essa grande operação, chamada a reforma commercial de Robert Peel, que pertence ao partido Tory, ao dos proprietarios do sólo, e que, rendendo-se ás opiniões dos seus, sacrificou aquelle partido, o nome e influencia que n'elle gozava ao bem do paiz em uma medida salvadora.

A reforma em geral consistiu no seguinte:

1.º Reduzir o preço da mão d'obra e das subsistencias com a introdução de cereaes dentro de certos limites.

2.º Desagravar as materias primas.

3.º Permittir a concorrência livre só de certas industrias, que uma pesquisa rigorosa evidenciou que podiam competir.

4.º Convencida a Inglaterra que lhe não era possivel ser ao mesmo tempo agricultora e commerciante, decidiu-se a ser industrial com o sacrificio dos agricultores.

5.º Realisar pouco a pouco a reforma financeira antes da reforma commercial.

6.º E entretanto transformar a agricultura, dirigindo a sua actividade para as applicações mais uteis, crear associações, escolas e bancos agricolas a juro modico, etc., etc.

A reforma apresenta tres periodos de 1814 a 1823, de 1830 a 1841, e de 1842 a 1846, e as suas phases bem comparadas nos convencem de que a liberdade do commercio, mesmo para a nação que a iniciou e mais aproveitou, e aproveita com ella, é apenas um meio relativo, e não um principio absoluto. A Inglaterra cautelosa na sua applicação não executou sem estar certa de qual seria o seu resultado para a industria fabril e agricola, sem ver que a ser favoravel a uma, era prejudicial á outra.

Mas nós applicamos um principio esperando todas as vantagens da sua generalidade theorica, sem avaliarmos as condições particulares pelas quaes deve ser modificado e corrigido, e sem attendermos ao methodo processo d'uma reforma que ha-de affectar os interesses todos do paiz

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

RETALHOS

Na Associação dos Empregados de Commercio do Porto

Disse ahi o sr. Antonio José d'Almeida: «Chamar-me-hiam por saberem não ser um limitado republicano burguez, mas alguém que quer a republica para revindicações mais largas, para um *conjuncto*, onde não haja um só homem com fome, nem o esmagamento brutal dos humildes pelos que teem mais».

(Aqui o *limitado* arremeda o termo francez—borné—homem de senso estreito).

Não é o sr. Antonio d'Almeida um republicano limitado, ou de senso curto, quer a republica para revindicações largas, para um *conjuncto*, isto é para um systema social, em que não haja um só homem com fome, nem o esmagamento brutal dos humildes pelos ricos.

Mas como é que a republica serve para essas revindicações?

Como é que um qualquer socialismo depende d'essa forma politica?

Como é incompativel com a monarchia?

Onde estão as doutrinas socialistas do famoso tribuno, as quaes já devia ter apregoadas, visto querer a republica para realisa-las, visto ser o fim dos seus esforços em obtel-a?

Disse ainda, «que julgou iriam alli debater-se os principios da so-

ciologia moderna, desde a admiravel theoria evolucionista de Spencer, que a tudo se tem imposto».

E logo adiante, «mostrará, que não obstante ser um revolucionario, que preconisa o ferro e o fogo para resolver o problema politico (e portanto tambem o social, fim da sua republica).

Ora na admiravel theoria de Spencer, que a tudo se tem imposto, a evolução é opposta á revolução—não é pelo ferro e o fogo que se realisam os progressos, ou as reformas politicas e sociaes—é contra os meios violentos, que o philosopho se pronuncia expressamente, e o sr. Antonio d'Almeida declara-se convicto d'essa doutrina, que a tudo se tem imposto, e quer contradizel-a pelo ferro e o fogo!

Almeida Medeiros

BIBLIAS POLITICAS

D' O Portugal (nacionalista)

Temos aqui ao nosso lado as palavras do sr. conde Burnay e d'ellas não transparece a qualidade dos politicos, que queriam *massa* para não guerrearerem a Companhia dos Tabacos. E' possivel que, no capitulo immoralidades, appareçam só monarchicos, mas a esse respeito temos duvidas. Conhecemos muito bem o que Marianno de Carvalho escreveu em 1904, para que essas duvidas se mantenham até que o sr. conde Burnay documente as suas accusações. Parece nos que aos versiculos da *Biblia monarchica* teremos nós de juntar tambem mais alguns versiculos á *Biblia republicana*.

Projecto de lei das sobretaxas

Este projecto auctorisa o governo a conceder, mediante reciprocidade e concessões compensadoras, o tratamento de nação mais favoravel e a alterar as taxas da pauta geral das alfandegas

O sr. Almeida d'Êça falla largamente sobre o projecto, referindo-se em particular á pesca e ao exercito d'esta industria.

Prosegue a discussão do projecto das sobretaxas

O sr. dr. Antonio Centeno diz que a dissidencia progressista dá o seu apoio ao projecto, ao qual elle, orador, attribue o maior valor para se debellar a crise vinicola, muito mais valor do que ao

proprio projecto que o propõe fazer.

Declara-se rasgadamente protectionista, mas para todos os ramos da actividade industrial. Faz varias considerações n'esta ordem de ideias. Analysa detidamente o projecto, a cujo paragrapho 2.º do artigo 1.º faz algumas observações.

Ao sr. dr. Antonio Centeno respondeu o sr. ministro dos estrangeiros, esclarecendo as duvidas apresentadas pelo illustre deputado e agradecendo a attitude da minoria dissidente.

O sr. dr. Brito Camacho approva o projecto mas acha que é necessario fazer uma reforma completa na pauta geral das alfandegas, precedida d'um inquerito industrial Respondeu-lhe em breves palavras o relator, sr. D. Luiz de Castro.

Trata-se novamente das declarações do sr. conde de Burnay.

Tendo pedido a palavra para antes de se encerrar a sessão, o sr. Brito Camacho e tendo-a a camara concedido, aquelle deputado republicano refere-se ás declarações do sr. conde de Burnay, na assembleia geral da Companhia dos Tabacos.

O sr. dr. Brito Camacho diz que o feriu extraordinariamente a declaração, feita pelo sr. conde de Burnay, de que «se não fosse a Companhia dos Tabacos o Estado já teria [estalado], e ainda outra: «que se o contribuinte não pagasse o augmento de renda, a Companhia rescindia o contracto».

N'estes termos, pergunta ao sr. ministro da fazenda: se o Estado está na dependencia da Companhia dos Tabacos, e se esta rescindir o contracto, o governo está habilitado a dar solução á questão dos tabacos.

O sr. ministro da fazenda diz que não pôde fazer juizo pelo que se diz; consta-lhe que o sr. conde de Burnay não pronunciou a phrase que se lhe attribue. Espera o relatorio do sr. commissario regio e então procederá.

Declara mais que o Estado não está na dependencia da Companhia dos Tabacos ou de qualquer outra e mais que na conta de bilhetes do thesouro não figura a Companhia dos Tabacos, mas a casa Henry Burnay & C.ª

Não pensa o governo em qualquer solução a dar na hypothese da Companhia não querer continuar com o negocio, por quanto elle está na disposição de cumprir e fazer cumprir integralmente o contracto tal como elle está.

O PASTOR

Sinos a defuntos! ai, quem morreria!
Olha, foi o pobre do Ti Zé-Senhor!...
Velho tão velhinho nenhum outro havia...
P'ra cumprir cem annos lhe faltava um dia,
Ha noventa e quatro que era já pastor.

Zagalzinho alegre, desde tenra infancia
Já de surrãozinho cheio a tiracoi,
A escalar montanhas com ardo, com ancia,
Por pastagens bravas d'auroral fragancia,
Branqueadinho a neve e doiradinho a sol!...

A deserta, immensa, rustica paizagem,
Cordilheiras, campos, astros d'oiro, luar,
Tudo se invertera, por continua imagem,
Em heroica, em livre candidez selvagem
Na extanciada flor do seu ingenuo olhar.

Ordenhado o leite, cantarinho cheio,
Ala para aldeia, por manhãs sonoras,
Mordiscando a codea do seu pão centeio,
Arrancando á frauta um pastoril gorgeio,
Rapinando ás sebes chupa-meis e amoras.

Fez-se moço e grande pelas serras brutas,
Onde as aguias pairam, onde o roble medra,
E onde os iragaredos barbaros, com grutas,
Se encastelam crespos, infernaes, em lutas,
Tal como tormentas de trovões de pedra!

Cada serrania alcantilada e brava,
Sob o azul d'Agosto, cõr de fogo e pó,
Recozida a febre e atordoada em lava,
Lagrimēja apenas d'uma rocha cava
Pranto, que o bebera uma ovelhinha só!

E por essas fulvas, ingremes ladeiras
Pastoreava o gado, quasi morto já:
Só rochedos tristes, nus como caveiras,
E zambulhos, zimbros, tojos, cornalheiras,
Acres como pragas d'uma boca má!

E depois as torvas, negras invernadadas,
Noites formidandas, lobos a ulular,
Desmoronamentos, temporaes, nevadas,
Carcavões abertos pelas enxurradas,
Troncos de sobreiros de raiz ao ar!...

Oh, as noites tristes, alapado e quedo,
N'um covil de feras, ou algar deserto!...
E dormia ao lume sem temor, sem medo,
Pois Nossa Senhora, Virgem do Degredo,
Na ermida branca lhe ficava perto...

Mas no mez de Março pincaros maninhos,
Montes cenobitas, d'ossos e burel,
Vestem-se de trevos e de rosmarinhos,
Com sorrisos d'oiro que alvoroçam ninhos,
E distilam favos de innocencia e mel!...

Era então alegre o sol nascente,
Mais feliz nos campos do que Deus no altar!
Anhos e cabritos, leite rescendente,
Pastos tão mimosos, que quizera a gente
Transformar-se em ave para os não calcar!

Tanto Abril florido, tanta calma adusta,
Tantas inverneiras, sem pesar ou dar,
Tinham-lhe gravado na expressão robusta
Como que uma sombra de grandeza augusta,
Junta a uma innocencia matinal de flor.

Que importavam gelos, ventanias, feras?
Peito nu, aberto: construcção de touro!
Quasi me admirava que nas primaveras
D'esse peito rude não brutassem heras,
Margaridas, lirios com abelhas d'ouro!

Ao relento a cama no orvalho pasto,
Cerca dos carneiros e dos bons lebreus;
Que divino leite primitivo e casto,
Todo embalsamado de serpol, mentrasto,
Sob a paz immensa do perdão de Deos!...

E esse gigantesco latagão corado
Era, como os santos ermitões, frugal:
Duas azeitonas, queijo do seu gado,
E de rala escura meio pão migado
N'um caldeiro d'agoa com azeite e sal.

Não jantava morte, assassinato, dores,
Hecatombes tristes que jantamos nós;
E por isso ria como riem flores,
Attrahindo em bandos aves de mil cores,
Feiticeiro simples, com o olhar e a voz!...

Sua rude frauta de pastor ouvindo
Na misteriosa luz crepuscular,
Iam-se as estrellas uma a uma abrindo,
E desabrochava pelo azul infindo
Soluçante a lua como um nenufar!...

Que trinados vivos, d'argentino encanto
Ai, missa do gallo, lhe inspiravas tu,
N'essa frauta, quando de cajoado e manto
La deitar loas ao menino santo
No altar-mór da igreja sorridente e nul

Fôra lá creança, magica ventural
Centenario quasi a derradeira vez...
E gorgeava a frauta com igual candura,
Pois a alma virgem, luminosa e pura,
Conservara-a sempre como Deos a fez.

N'ella penetrava, n'ella se embestia
Tudo que é innocencia, riso, amor, clarão:
Fremido de pomba, voz de cotovia,
Canticos dos montes ao nascer do dia,
Lagrimas dos astros pela escuridão!...

Longe dos Peccados de raivosas presas,
Belzebuths famintos d'olhos de meta!
Longe das horriveis tentações acezas
No torpor dos leitos, na embriaguez das mezas,
Pululantes larvas, vibrões do Mal,

O pastor ditoso envelheceu ridente
Por despenhadeiros, alcantis, e calvarios,
E na fronte augusta de ermitão, de crente,
Lhe geavam annos luminosamente,
Como as pombas brancas sobre os campanarios!

Das ovelhas meigas,—intimas heranças!—
Recolhera toda a abnegação christã:
Oh, sejaes bemditas, ovelhinhas mansas,
Que com vosso leite sustentaes creanças,
E vestis os pobres com a vossa lã!

Aos noventa annos, festival, risonho,
Alamo gigante d'agoa viva ao pé;
Sim! inda na boca risos de medronho,
E nos olhos lentos a tremer em sonho,
Dois miosotis virgens de candura e fé!

Com seu manto branco de burel grosseiro,
Cans de puro arminho, baculo na mão,
Alembrava um santo feito pegureiro,
Que eu desejaria sobre o altar cruzeiro
D'uma ogiva d'astros, em adoração!

Centenario quasi, recordava aspectos
De lendario tronco n'um feliz vergel,
Moribundo em meio de seus verdes netos,
Com a Providencia a agasalhl-o em fetos,
Com abelhas d'ouro inda a nutril-o a mel,

E que surdo á voz de ledos passarinhos,
E que cego ao ether de esplendor ideal,
Com o ai extremo lança dois raminhos,
A chamar ainda por canções de ninhos
E a dizer aos astros um adeos final!

Tal o pastor santo, já de vez cahido,
Já corcovadinho, flebil, quasi morto,
Arrimado ao velho baculo torcido,
Nada ouvindo, nada, com o duro ouvido,
Vagamente olhando com o olhar absorto,

La pelos montes na tristeza infinda
D'um coração ermo, com a morte aceite,
A pedir aos anjos para ouvir ainda
Badalar ovelhas n'uma noite linda,
Quando a lua os campos alagasse em leite!...

Seu bisavô fóra guardador de gado,
Guardador de gado seu avô, seu pae;
Creou filho e netos como foi creado,
E morreu ditoso porque o seu cajado
Seu rebanho ainda pastoreando vae!

Candido, na paz das solidões dormentes,
Ignorando o mundo rancoso e vil
Aos cem annos inda, com a fé dos crentes,
Punha olhos claros, simples innocentes,
Na estrelinha d'Alva das manhãs d'abril

Levará no esquite para os ceos a palma
Da grandeza mansa, da virtude austera.
Realizou no mundo a perfeição da Alma:
Porque foi bondoso como a lua é calma,
Porque foi um santo sem saber que o era!...

Vós, ó semideuses do entremez da Gloria,
Cesares, tiranos, capitães, heroes,
Epicas figuras de immortal memoria,
Que de serro em serro illuminaes a historia
Como crepitantes, tragicos pharoes,

Na região do Immenso, no Infinito puro,
Onde me deslumbra, como um sol, Jesus,
Não sois mais que larvas a tremer no escuro,
Que ninguem conhece, que eu em vão procuro
Com meus olhos calmos n'esse mar de luz!

E o pastor d'ovelhas, que comeu centeio,
Que viveu nos montes, que dormiu nas grutas,
Tão asselvajado, cabelludo e feio,
Que dessereis quasi que esse monstro veio
Da matriz da terra, como as pedras brutas.

Já liberto agera da illusão do mundo
Fez-se em anjo branco, inda outra vez pastor:
Milhões d'astros seguem seu olhar jocundo,
São rebanhos d'almas pelo azul profundo
As ovelhas novas do Ti Zé-Senhor!...

Guerra Junqueiro.

Cavaqueira DE RASPÃO

Vamos hoje prestar uma modesta homenagem á mais bella producção do Creador — á luz — e como ideia associada — ao calor.

A luz constitue o traço de união entre o Sol e os corpos celestes.

Irradiando do Sol atravessa os espaços ethereos, penetra na atmospheria terrestre e vae incidir sobre os nossos olhos tão pura como estava no ponto inicial do seu caminho.

Se não existisse a luz solar não conheceriamos as suas côres componentes e deixaríamos de nos extasiar perante os contrastes

mirabolantes que apresentam as obras primas de Raphael, Miguel Angelo, Phidias etc. e de apreciar pela impressão directa nas retinas, os aspectos com que se nos apresentam os objectos que nos cercam.

A luz dá vida ao mais intimo dos seres da creação.

E' a companheira inseparavel do homem. De dia inunda a terra com os seus raios dourados e de noite torna-os argenteos pela reflexão na loura Phoeba, suavizando-lhe assim a intensidade e convidando os poetas influenciados já pelo ciclar da folhagem produzido por um brando aquilão e pelo rumorejar lento das aguas que vão na sua doce marcha procurando o Oceano, a tanger as suas lyras e com os inegalaveis

harpejos tirados d'ellas delicia rem a humanidade. Assim fizeram Homero, Virgilio, Milton, Leamartine etc, etc.

Ella e o calor são dois companheiros tão bem unidos que nunca se abandonam.

Prestar homenagem á luz é prestar a ao calor.

Quem duvidar d'isto deite-se ao meio-dia ao sol quando elle nos fizer o mimo de torrar a humanidade e veja ao fim d'uma hora se a luz é ou não acompanhada de calor.

A luz do Sol é branca; mas compõe-se de 7 côres complementares que são:

Violeta, anilada, azul, verde, amarella, alaranjada, vermelha.

Tomemos um circulo de cartão dividamol'o em 7 partes, dêmos a cada uma d'ellas a côr indicada aqui acima e fazendo girar rapidamente esse circulo em torno do centro veremos que as côres se combinam e produzem o branco.

Estas são as côres mães.

Da combinação d'ella entre si nascem as immensas variedades de côres que nos impressionam os nervos opticos. Os pintores conhecem a fundo o segredo d'estas combinações; sabemos que o alaranjado e o amarello esverdeado dá o amarello; o amarello esverdeado e o verde azulado dá o verde vivo. O amarello e o azul dão tambem um verde. Imita-se o azul com o verde azulado e o anil e a violeta com o azul e vermelho.

A experiencia que eu citei do cartão não é rigorosa porque para isso as 7 divisões não deviam ser eguaes mas como a explicação a valer do caso requeria considerações d'algunha transcendencia resolvemos simplificar a assim. Devemos declarar, por isso, que o branco obtido não é puro mas sim um branco sujo.

As côres que vemos nos corpos são a que elles reflectem. Todos os corpos que teem côr natural reflectem uma das 7 que indiquei que formam o espectro solar.

Artificialmente podem porém reflectir outras.

Pode, porém, haver artificio sem que o pincel do artista lhes toque.

Esse artificio pode ser produzido por combinações chemicas, como acontece, por exemplo, a certas conchas no fundo dos mares, que se apresentam irisadas com côres combinadas devidas ás reacções chemicas que presidem á sua formação.

Um meu amigo que está a massar-me aqui ao lado diz que estou hoje semsaborão que não largo piada; mas depois d'um pedido que tive resolvi diminuir a dose d'ella.

Uma noite d'estas na Praça um patusco pediu-me para não largar tanta piada porque o fazia estourar a rir; outro ao lado pediu-me para a augmentar e disse ao primeiro que para não estourar se ligasse ou que tomasse carvão; mais outros trez que não cultivasse tanto a laracha. D'este diz tu, direi eu, passamos a vias de facto e eu como prova de desprezo, cuspi nos cinco e elles lá viram que era cobardia atacarem só um e largaram-me. Como o que elles queriam era vinho dei 40 reis a cada um e pela quantia de 200 regalei-me, cuspiando nos cinco. Depois d'esta questão, fiquei um bocado nervoso, com as pernas a vergar; mas depois da natureza reagir em mim vi que afinal estava mais leve pelo exgoito da bilis que soffri, e contente por ter mostrado a minha independencia.

Assim, pois, a piada vae hoje em doses infinitissimas, dadas pelo correr da pena. Nem sempre pode ter verve o vosso amigo

Ceres.

O segredo dos annos que tem, dizia Fontenelle, é um segredo que as mulheres sabem guardar muito bem. E creio que é o unico que sabem guardar.

NOTICIARIO

TEMPO

O tempo tem continuado secco e quente;—durante o dia, sol claro e ardente, e, durante a noite, um luar argenteo, esplendido e inspirador, convidando novos e velhos a idyllios em logares pittorescos, taes como, Cazal, Madria, Jardim da Estrella e Avenida do Furadouro.

Não nos gozaremos, por muitos dias, d'estas delicias, (e antes assim) pois os ares, á hora a que escrevemos, estão toldados, o vento não sopra d'um quadrante só, a lua vae declinando para o miniguanete, nas aves notam-se os symptomas, que lhes são característicos em vespéras de mau tempo, emfim, tudo demonstra claramente que, em breve, temos chuva.

Assim seja; pois estamos d'isso convictos, como convictos estamos de que o echo das orações *ad petendam pluviam* se repercutiu nas Alturas, e, assim, são de esperar grandes bategas d'agua,—verdadeiras arcaes abarrotadas d'ouro.

Em todo o caso, a exemplo do anno anterior, não temos desejos de que a chuva venha, senão depois da festa da sr.^a da Saude, apezar de que não vamos lá este anno.

Já tivemos mais devoção com esta santa; como tudo cresce e tudo muda, fica o caso justificado, e, assim, pode ser que venhamos, por tempo, a ter a mesma devoção, que já tivemos, ou mais ainda.

PESCA

O producto da pesca, na costa do Furadouro, durante a semana finda, foi pequeno.

VALES DO CORREIO

Durante o anno economico de 1907-1908, foram pagos na recebedoria, d'este concelho, 3:219 vales do correio, cujo importancia total foi de 82:951\$130 reis.

Direitos de Mercê

Pela recebedoria d'este concelho foram hontem expedidas circulares a todos os funcionarios publicos que teem direitos de mercê em atraso, prevenindo-os de que devem regular o seu pagamento, por fôrma a ficarem em dia com a Fazenda Nacional, no fim do corrente mez, sob pena de relaxe.

N'essas circulares eram ainda prevenidos que de futuro será immediatamente relaxada, conforme o regulamento em vigor, qualquer prestação que não seja paga até ao dia 8 do mez immediato áquelle a que respeitar.

Informam do Rio de Janeiro, capital dos Estados Unidos do Brazil, que o ministro da marinha convidará os poetas brasileiros a escreverem o hymno da armada.

Saboaria Aurora

Os Snrs. Amadeu Maria Martins, antigo gerente da fabrica de conservas, installada no largo d'Almeida Garrett, d'esta villa, constituíram-se em sociedade para exploração industrial de Saboaria, em Villa Nova de Gaya, com a denominação de «Saboaria Aurora» figurando sob a razão social de Amadeu & Cardoso.

Desejamos aos novos industriaes todas as prosperidades de que são dignos.

ACTOS

O nosso amigo o snr. Antonio Zagallo dos Santos fez no dia 6 do corrente acto da 14.^a cadeira de direito (4.^o anno), na universidade de Coimbra, ficando plenamente aprovado.

Ao nosso amigo e a sua ex.^{ma} familia os nossos sinceros parabens.

Em Dominoz, povoação do Feral, quando chegava á porta da igreja uma sympathica rapariga, que ia contrahir matrimonio, cahiu no chão sem sentidos.

Acudiram o noivo e os convidados, chamou-se um medico, mas foi tudo inutil; a rapariga falleceu d'ahi a pouco.

A mãe da noiva e o noivo tambem desmaiaram.

O caso tem dado origem a comentarios diversos.

DR. TRINDADE COELHO

A imprensa de Lisboa trouxe-nos a triste noticia do suicidio do dr. Trindade Coelho, magistrado de renome, e talento privilegiado, que muito ennobrecera a magistratura portugueza, e a litteratura patria com seus escriptos.

INSPECÇÕES

As inspecções sanitarias aos mancebos para o serviço militar terão logar n'este concelho, nos dias abaixo designados.

«Dia 17»—Arada e Maceda.
«Dia 18»—Cortegaça e Esmoriz até ao mancebo Antonio Americo Gomes da Silva.

«Dia 19»—Restantes d'Esmoriz e S. Vicente.
«Dia 20»—Ovar, até ao mancebo Francisco Augusto d'Oliveira Mendes.

«Dia 21»—Ovar, do mancebo Francisco Corrêa Lopes até a José Marques Peneda.

«Dia 22»—Ovar, desde o mancebo José d'Oliveira Borges Bandeira até Manoel Pereira Peralta.

«Dia 24»—Ovar, os restantes ou sejam do mancebo Manoel Pereira da Rocha até Serafim Soares Presas, e Vallega, até ao mancebo Antonio Maria da Silva.

«Dia 25»—Os restantes de Vallega.

A MEIA LARANJA

Bate as palmas de contente o nosso collega a «Patria» por a camara ter mandado proceder aos reparos da meia laranja, e diz que antes da sua *blague modern style*, já a camara havia providenciado.

Pretende o nosso espirituoso collega fazer acreditar que nós cahimos no laço, por elle cuidadosa e espiritualmente armado.

Engana-se o collega.

A experiencia dos annos nunca nos poderia permittir que nós cahissemos na armadilha do joven collega.

Não nos diga que foi *blague*, porque ninguém acreditará.

Até a «Discussão», em reforço da «Patria», veio dizer que sim, que muito bem, e que apoiava a ideia da subscrição *semi-pataqueira*.

Não queira, pois, a «Patria» chamar para si, o espirito da chalaça. A chalaça escreveu-a, e ao fazel-o, foi a sério.

Agora, é que não lhe convém dizer o contrario. Mas confesse a verdade, que não lhe fica mal.

A PATRIA

A «Patria» toda se agoniou com o nosso suelto *Ainda a festa escolar*—e sempre pugnando pelos bons «principios e processos

jornalisticos, diz que as phrases que attribuímos ao sr. dr. Chaves são *redondamente falsas*.

Não costumámos, nem nunca foi esse o nosso feito, escrever «falsidades».

Se por qualquer motivo, reconhecemos que errámos, estamos sempre promptos a penitenciar-mo-nos. Insistir no erro, não.

Mas a «Patria» perdeu uma boa occasião de estar calada.

As phrases que nós attribuímos ao sr. dr. Chaves, foram ouvidas pelo representante do nosso jornal. Não será talvez de boas condições acusticas, o nosso theatro. Mas a pequena distancia a que estava o representante do «Jornal d'Ovar» do sitio d'onde o sr. dr. Chaves fez o seu discurso, permittiu-lhe muito bem que elle ouvisse as phrases de sua excellencia a que nos referimos.

N'esta parte, póde a «Patria» acreditar, que os ouvidos do nosso collega de redacção não o atraçoaram.

Não foi nosso intuito melindrar o sr. dr. Chaves, por quem, aliaz temos a maior consideração.

E tambem estamos d'accôrdo quando a «Patria» diz que sua ex.^a é incapaz de praticar injustiças.

Ora chamar *sovina* ao povo vargiro—salvo o devido respeito parece-nos que o sr. dr. Chaves não lhe fez injustiça alguma.

E como haviam, pois, o presidente da camara e o administrador do concelho, de protestar contra as phrases do discurso do sr. dr. Chaves, quando ellas apenas traduziam a verdade?

Pelo amor de Deus, illustre collega!

O sr. presidente da camara e administrador do concelho nunca cahiriam em tal. Suas ex.^{as} como o sr. dr. Chaves são incapazes de praticar qualquer injustiça.

E por isso mesmo que não fazem injustiças a quem quer que seja nunca poderiam protestar contra as palavras do presidente da festa escolar.

As phrases foram proferidas, mas palavras... leva-as o vento. Fique certa a «Patria»: o seu suelto não serviu para a expansão de *qualquer má vontade pessoal*.

Aqui assume-se a responsabilidade do que se escreve. Más *vontades pessoas* se existissem, não seriam manifestadas no papel.

Essas, sel-o-iam publicamente sem disfarces.

E se a «Patria» deseja tornar para si a responsabilidade do que escreve não faz mais do que o seu dever.

—E para finalizar: relativamente aos processos jornalisticos a que o collega não está habituado, calamo-nos n'esta altura para dar a palavra ao collega «Discussão»!

E temos dito.

Senhora de Lourdes

Na freguezia de Vallega, realisar-se-ha hoje a festividade a Nossa Senhora de Lourdes.

E' muito concorrida de forasteiros d'esta villa.

EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO

O presidente da Republica inaugurou a exposição nacional com a assistencia do governo, diplomatas, auctoridades e consideravel multidão. A impressão geral é excellente.

Alguns Estados brazileiros construíram pavilhões elegantissimos e os productos expostos assignalam indiscutíveis progressos realisados na industria nacional.

Os marinheiros do cruzador portuguez «D. Amelia», prestaram honras ao presidente da Republica, formando em frente do pavilhão portuguez.

As illuminações são brilhantis-

simas, assistindo cerca de 40:000

peçoas aos fogos de artificio.

Estão chegando numerosos visitantes estrangeiros.

A CONQUISTA DO AR

Wilbur Wright continuou, no dia 12, em Paris, as experiencias com o seu aeroplano, descrevendo, a alturas diferentes, tres grandes circulos á velocidade de 65 kilometros á hora.

SENHORA DA SAUDE

Na tarde de quinta-feira ultima, sob um tempo abrasador, passaram por esta villa, vindos das aldeias circumvisinhas, grupos de louras tricanas e elegres rapazes, que, em verdade, pela sua attitude festiva, despertava, ao mais misantropo, o desejo de ir rezar, tambem, a milagrosa Santa.

MILHO

O milho gallatz tem sido vendido, n'este concelho, por preço relativamente barato, devido aos esforços da auctoridade administrativa, que é digna dos mais rasgados elogios.

LIÇÕES

Lecciona-se francez e habilita-se para exame de instrucção primaria 1.^o e 2.^o grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.^o 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e dá-se lições das mesmas.

ESPINGARDAS

De fogo central, calibre 12 e 16, desde 13\$500 réis, garantidas.

Liborio Mattos Almeida
AVANCA

CAMARA MUNICIPAL D'OVAR

Venda de sobejos d'aguas

A Camara Municipal do concelho d'Ovar, devidamente auctorizada, faz publico que, no dia 23 d'Agosto proximo, pelas 10 horas da manhã, arrematará na sala das suas sessões os sobejos das aguas de todos os chafarizes da villa, sendo as bases de licitação respectivas as seguintes: Chafariz do lago de Serpa Pinto, 50\$000 réis; dito dos Campos, 12\$000 réis; dito do Outeiro, 20\$000 réis; dito de Ponte Nova, 10\$000 réis.

As condições da arrematação acham-se patentes na secretaria da Camara, todos os dias uteis, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Ovar, 29 de Julho de 1908.

O Presidente da Camara,
Joaquim Soares Pinto

AOS CAÇADORES

Antonio da Cunha Farraia participa que tem á venda, no seu estabelecimento, na rua da Graça, um enorme sortido de espingardas, recebidas directamente da Belgica, e sevs accessorios.

Ha tambem variedade em revolvers de diferentes auctores, taes como: *Smith, Bull-Dog e Papes*, pistolas, etc. etc.

Preços muito modicos.

Propriedade

No proximo dia 23 do corrente por o meio dia, se ha-de vender em hasta publica, a quem mais dér, a propriedade denominada Cerca do Castello do Feira, sita na villa da Feira, e composta de terras de sementeira com agua nascente e de rega, pomares, ramadas, castanheiros e pinhal e matto, casas que circundam e se acham dentro do Castello e casas de cazeiros, abegoarias, eira, etc., tudo livre e allodial e proximo do Caminho de ferro de Valle de Vouga.

E' uma bella propriedade, quer como situação, quer como rendimento, e vende-se em conta.

As condições acham-se patentes na villa da Feira, em casa de Luiz Cadillon, que prestará todos os esclarecimentos e a praça terá logar no sitio do Castello.

A Estação

Jornal illustrado de Modas para senhoras publicando annualmente:

24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, deornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos—todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro—flores de papel, panno, pennis, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minutosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabetos completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 n. les pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe e modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam t. ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contêm maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDON—Porto. Principia no dia 1.^o de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:
Um anno 4\$000
Seis mezes 2\$100
Numero avulso 200



Non se duvide da Causa, por mais antigo que seja o padecimento, das enfermidades Nervosas, consideradas incuraveis com as pastilhas Anti-epilepticas de OCHOA, pharmaceutico, cuyos prodigiosos resultados são a adm. de

ha 20 e 30 annos. Pa mais detalhes de se gratis prospectos na rua Duque d'Alba, 15, Madrid. A venda nas principaes pharmacias de Hespanha, Cuba, Porto-Rico, Mexico, Canarias e Filipinas, No Porto, Pharmacia Ferreira & Irmao, Caixa 1\$000 reis; pelo correio 1\$020 reis

EPILEPSIA OU ACCIDENTES NERVOSOS

VULGO, DOENÇAS DO CORAÇÃO

ADEGA DO LUZIO

Acharão, decerto, pouco,
Mas, não chamem TESTA D'UNTO,
Nem TAPADO, nem BACOCO,
Porque, por falta d'assumpto,
Não vae mais, nem mesmo a sócco.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.
Garante-se a pureza de todos os artigos
ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na
certeza de que sempre satisfizeram o melhor pos-
sivel aos seus freguezes, no preço e qualidade
dos seus generos e artigos, convidam o respeita-
vel publico a visitar o seu dito estabelecimento,
onde encontrarão além de todos os generos de
mercearia; um variado sortido de miudezas, ar-
tigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, arti-
gos de latoaria, vinhos da Companhia e outras
marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONCALVES

PORTO.

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho
mais conveniente e elegante contra o
Frio, Vento e Chuva
e o mais commodo para viagem. E se quereis
o verdadeiro só o encontrareis na
ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

DEPOSITO DE BYCICLETES
RILEY

E outras marcas; todas as pe-
ças precisas para as mesmas. Con-
certam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Cos-
tura das bem conhe-
cidas e acreditadas
marcas "Naumann"
e "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura das acreditadas marcas "Naumann" e "Opel" são, indubitavelmente, as unicas
que poderão preencher todas as exigencias do freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de
qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tam-
bem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo
usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não com-
prem, pois machinas de costura, sem verem as das marcas "Naumann," e "Opel". Dão-se todas as instru-
ções e ensina-se o bordar gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 reis semanaes.

Ha á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para to-
das as marcas etc, etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e acceitam-se machinas velhas em troca das novas.

Preços muito reduzidos,

ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48—OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na
praça da hortalica, d'esta villa,
calçado em todas as côres, para
homem, senhora e creança; encar-
regando-se tambem de executar
com esmerada perfeição e modici-
dade de preços, toda a encomen-
da de qualquer obra concernente
d sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer
dia da semana, fazer-se encom-
endas, o proprietario virá tam-
bem a esta villa, a caza dos fre-
guezes, que para isso o avizem
pelo correio ou pessoalmente.

LA VILLE DE PARIS
F. DELPORT, SUCCESSORES EM C.ª

Fabrica de corôas
e flores artificiaes

PREMIADA COM MEDALHAS DE OURO
EM TODAS AS EXPOSIÇÕES A QUE TEM CONCORRIDO

MARCA REGISTRADA
PORTO
Rua Sá da Bandeira, 249

TELEGRAMMAS:
VILLE-PORTO

COROAS FUNEBRES
RAMOS para altar.
Grande sortido
de plantas para
adorno. Flôr de laran-
jeira, e todos os apres-
tos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA
COIMBRA — Manoel Carvalho
Largo do P. D. Carlos.
FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte
Praça de Camões.
SANTAREM — Fonseca & Souza.
BRAGA — Pinheiro & C.ª